Adriano Moreira: A Europa entre os projectos e as memórias

Adriano Moreira 7 Dez 2014

"A Europa que começou pela economia [...], devia ter começado pela cultura"

Nesta era da graça de 2014, no começo de um século sem bússola, a incerteza, o clima de risco e ameaças, colorem de uma perceptiva inquietante o futuro desde pequeno espaço do globo que Camões ocidentou: unificado pela mensagem de cristandade, ancestralmente Portugal como cabeça da Europa toda. Por isso, não obstante as nuvens debitórias presentes, seria este o não Ocaso a figura de referência de um norte sempre adiado, que foi e da unidade cultural ter correspondência numa governança respeitada e garante da paz.

Inflacionemos a longa lavoura de projectistas de paz, entre os quais distinguiram Dante Alighieri, o Abade de Saint-Pierre, Immanuel Kant, Jeremy Bentham, Frédéric Passy e Alvarez Calderon, com os seus Congressos e a Sociedade que ainda perpetua o seu nome, de espírito dos que, depois de paz do 1945, escolheram construir a solidariedade em vista do Natural, e não a resistência contra os agressores em nome do passado, gizados pelo realismo de Jean Monnet.

Inflacionemos esta contradição entre as memórias e os projectos não deixa de estar presente, e por isso o globalismo, a que todos se referem sem grande definição, encontra a "Europa tardia" que Camões sonhou, longe de ter superado essa emaçadora contradição.

Em primeiro lugar, o projecto europeu que veio a chamar-se União Europeia, desenvolveu-se num quadro de esperança que aqui enegrecia com a dúrida desencontrimento das circunstâncias adversas.

O projecto empolgante do uni-ondo apenas suspirado globalismo foi o da Carta da ONU, que ao mesmo tempo que proclamava a igualdade dos Estados, definia o Conselho de Segurança em termos de formalmente assegurar que uns são mais iguais do que outros, considerando o direito de veto aos EUA, à URSS, à China, à Inglaterra e à França. E ainda aqui tínhamos uma desiguadade tríplice, porque mantinha a China representada pela dissidente Ilha de Taiwan, e distinguia a França e a Inglaterra como se fossem os representantes qualificados da "Europa, Luz do Mundo", quando esta Europa estava a baixo com dois projectos conflituadores contraditórios, e aquele dois países não apenas estavam exigências de reconciliação nas mentalidades, e ainda no exercício da perda dos impérios coloniais respectivos, porque do Império Euroamericano da Partes Atlântico, de que Portugal participava.

Acontecia ainda que a unidade da Europa, e aqui, no cromoplata, parecia mais indicada para estar no Conselho do que as duas potências que haviam perdido o prestige logar cimeiro na hierarquia das potências, nas alianças de ondenos conflituadores contraditórios no herdeiro do pensamento do Rei da Boémia e da Imaginação camoniana tinham um projecto unificador que partia da Atlântica em direcção à Rússia, estala soviética, mas a Rússia soviética tinha igualmente um projecto que os pressimistas ocidentais ineglavamos reflectuar-se com a chegada dos suas tropas ao Canal da Mancha em 24 horas, e os optimistas admitiam exigir uma marcha de pelo menos uma semana. Os Russos escolheram um caminho específico, e o resultado foi uma política de metades, e uma efectiva Ordem Militar e catecismo e ordem normada pela ONU. Foi o longo tempo da Duas Europas, Duas Alemanhas, Duas Cidades de Berlim, e pela vigência da Ordem dos Pactos Militares — NATO — VARSÓVIA — Chaos Coreias, Dois Vietnames, as guerras marginais do chamado "Terceiro Mundo", e a perda, pelos Estados europeus, da posição de centro do Mundo, e do domínio da economia de produção ocidental, o Domínio de Rota e recursos dominados e o colonio de mineiro dos populações dessas territórios, no exercício de política adoptada pela da Conferência de Berlim, mais lembrada antes mas pela Ultimatum de 1890.

Entretanto, enquanto a Ordem dos Pactos Militares, com os seus Inevitáveis Tratados, vigorava em declínio(ou do efectivo respeito pela Carta da ONU, as Memórias dos Povos mantinham uma vigência que recobria a todos as formalizadas nacionalmas.

Os EUA, que se definiam como a Casa no Alto da Colina, a Nação Indispensável, não esperavam que o seu destino manifesto era o Pacífico, que Iran persona mesmo um poder sobredador do continente americano, usando o Big Stick se necessário, e consagrando mais que os outros um conceito de que a estratégia era a Paz. Mas a Paz que, depois de 1945, não conseguiu evitar as guerras desiadas. As duas guerras chamadas mundiais, sobretudo pelos efeitos, em que intervieram por duas vezes, não apagaram a ideia de que a providência divina separara o seu continente da irrupturbante Europa decadente, para Nó2 instalação da Ocidente eldorádica, a sequed-los.

Neste período, os BRICS fazem-lhe tranendo a obrigação de avaliar outras conceitos, enquanto a Europa cobrava de sua unidade, com a expressão mais advertida no Tratado de Lisboa de 13 de Dezembro de 2007. E aqui, mais uma vez, as memórias desempenham um papel que desafia o normativismo dos Tratados e as esperanças que lhe servisam de absorção.

Para ajudar a tornar este ponto mais evidente, lembremos que a Guerra de 1914-18 foi a Guerra Europeia, e que a Guerra de 1939-45 foi a Guerra Mundial. Neste tempo em que a Europa Ocidental se Paz e Paz de Sociedade das Nações começava formalmente, mas que a realidade não acompanhou segue no espaço ocidental que tinha em vista, mas no meio do mundo colonial, ou trabava de uma unidade com passado. Mas este princípio, que se inscrevia na ética da Identidade dos povos, trazia consigo a destruição dos Impérios europeus Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Império Turco, Império Russo.

A segunda guerra mundial, ao lerar à inscrição na Carta da ONU do princípio da descolonização, também elimenete da ética da Identidade dos povos, iniciou a desagregação do Império Euroamericano, passando que isso não tinha sido previsto pelos signatários europeus da Carta, vista que a Holanda, a Bélgica, a França, a Inglaterra, e finalmente Portugal, foi postas nos da guerra, e não pela exaltação dos princípios da autodeterminação, que abandonaram os seus impérios coloniais. A Indonésia, que depois agredira Timor, a Vietname, a Índia, que ocupou Goa, Damão e Diu, a Indonésia, que depois agredira Timor, a exaltação de princípio da coincidência das fraçoes com os Estados, mas pela revolta dos colonizados. A própria Inglaterra, no que toca à desagregação do Império das Índias, corta por cerianas de sitiliares as marcas causadas pela separação entre a União Indiana e o Paquistão, e pela primeira vez, na Palestina atrina com a batalha e desiaculnas e problema gravíssimo da questão de Israel e Palestina.

Por esse mundo que foi chamado Terceiro Mundo durante a vigência dos Impérios Coloniais Ocidentais, as guerras de espelhos que ultrapassam as classificações clássicas entre "em toda a parte", e na própria África, que mais interessa à Europa, pesce reconstituída a extinção do Caso na Carta da Conferência de Berlim, mas pela guerra e saída de conflitos que envolvem umas 180,000 crianças em constatem.

E entretanto, a Europa que começou pela economia — Mercado Comum — segundo a projecto de Monnet, foi com que o seu autor, aquela verdadeira iniciador do projecto, viesse a escrever nas Memórias que, se data está que escreia, tinha começado/do que devia ter começado pela cultura.

De facto, é o conflito das memórias que se destaca quando pretendemos compreender a dificuldade em que nos encontramos, e que infelizmente se mostra, quanto às causas, em ser substituído o medo dos valores pelo medo da mercada, em ter considerado que a queda do Muro de Berlim abria o caminho a um liberalismo repressivo e um neoimpiismo produtor de Estados Estreitimos por excedemem a relação entre recursos e gastos, fazendo da fadiga e ilusória a situação que sobrefoca a esperança dos fundadores da União em que a Paz viesse, como disse Paulo VI, a chamar-se desenvolvimento sustentado. E por isso entre nós, a Europa que começou pela economia, e não pela cultura como a Europa pensada pelos que mais decisivamente ajudaram a guerra de 1939-45, não viu que a dúvidas e se procura trabalhar uma Alemanha Europeia ou antes uma Europa Alemã, pois que a Europa não tem um cosmo-estratégico.

Por seu lado, a União Soviética, antiga aliada da Alemanha, depois aliada das ocidentais, e finalmente desafiante com o Pacto de Varsóvia e o projecto de União até ao Atlântico, viu esgotar-se, depois de os vacuos terem chegado às portas de Viena, com desvagare de Cosmo, a sua Igreja Ortodoxa proclamou a 1.ª Roma caía, a 2.ª Roma caía, e 3.ª Roma não cairá. Quando Putin proferiu o seu famoso discurso em que, depois de exaltuptar a Aguia Bicéfala como símbolo nacional, proclamou que a fronteira de intervenção da Rússia não se confundia com a sua fronteira geográfica, estava a proclamar a Rússia como Império do Mêio, fazendo-lhes materiais de Gorbachov extremamente flexíveis e estabelecia, para logo a seguir provocar o drama da Ucrânia que ameaça ser resíduo da situação mais grave.

Entretanto a Europa, mergulhada na crise financeira e económica, de que Portugal tem tão dolorosa experiência, a dúvida de adoptar a moeda única que é o euro, sem ter resolvido a questão de conceito estratégico e de governança, viu-se constituída a esta situação paridoxal: a imagem de terra de abundância, permitiu-se a fuga dos cerveiros de cromopolitismo, com que acolhes sábios de todas as origens, com o multiculturalismo sem regras, que permitiu a entrada de imigrantes em busca de melhor futuro, causando mobilidas não integrados nas identidades multiplas europeias, desprestigiou de parte de vista do Estado Social e de simples direito protector do trabalho, com o resultado de uma instabilidade, frequentemente violenta, no interior, como sobretudo tem sido evidenciado pelo terrorismo. Esta busca vinda do sul para o Norte transformou o Mediterrâneo num cemitério, e as intervenções Tatalmente defensivas contra a Iraque, e igualmente Improvidentes contra a Líbia, criaram formas de instabilidade que, se não são conflitos, são ameaças de conflitos, e alguns conflitos começaram por acidentes Kosovo. Ao contrário dessas imagens de vigília rica, de facto como que reconstituiu o Livro do Imperio Romano — Civita, Grécia, Itália, Espanha, Portugal, acrescendo pela falliga infinitária, com a antropação de palavras esquecidas pela relatria, a precarver em direcção ao Norte a constrito que os bárbaros tinham percorrido para o Sul e destruído a primeira Roma, com o desamar europeu a crescer, com os partidos conservadores da identidade e de violencia passadas a crescer.

O pensamento democrático ocidental tem dois nomes fundamentais: o primeiro, o discurso de Péricles para a cidade; o segundo, o discurso de Lincoln para a paz. Do uma mesma lógica, e na terra de Péricles que nasce o desafio mais severo, do ponto de vista dos valores, à corrosação da Europa unida a Grécia. Não é só a Grécia que está em causa, mas a própria Europa, que nasceu do Mayor de entre as Europa, com não ter de esconder também a lacrifício dos gregos durante o Império Turco, a torture da Invasão alemã, a deslacilação dos seus bens que eram pat.rimonio da humanidade, e a dureza da ocupação alemã a questão é e de saber se vai ser difícilo o problema — como problema da Grécia ou como problema europeu. Temos o Império de Mete-de-Poito, temos a arma da Líctória, temos o contrário do Mediterrânio, temos a destruição do Iraque e a ameaça do Estado Islâmico, temos o desastre europeu, mesa a fadiga crisadeira, a imigração, a queda demográfica. Tudo acontelle que o problema da Grécia seja mais como um problema da Europa, que foi considerada nosso pela geração que assistiu à liberação da Grécia do Império Turco. Quem lembre bem a liberação da Grécia da invasão alemã, lembrará também a generosidade que todos reconhecerão no espacimento das agressões, e no empenho num futuro de paz, e mesmo des naturas e não de imitação.

As circunstâncias aconselham a pensar mais em Camões, em Erasmo, em Tomas Morus, nos conceptores iniciais da Unida, do que nas ideologias mais salientes dessa emaçadora circunstância, contribuindo para reper o vento dos valores e tempo de a geração dos dispersiveis velhos não mereceer esgotadas e pensar no futuro da geração dos netos, e eventual esperimento dos sacrifícios dos que nos permitiram pensar como europeus e até imaginar, como Camões, que Portugal seria a cabeça da Europa toda.

TWITTER FACEBOOK GOOGLE+

< PREVIOUS ARTICLE
A intervenção do Chefe do Estado-Maior do Exército

NEXT ARTICLE >
Edição de 11 de Abril de 2014

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...

1 Comment Jornal Diabo Login
Recommend Share Sort by Best
Join the discussion...
Escias "ARTIMANHAS" por muito bem intencionadas que sejam, e acredito que sim, pasta sempre sobre elas a "MALDIÇÃO DO PECADO" e a consequente imperfeição humana. Por isso inflamo de anos de história que percorra, acontecem sempre as mesmas coisas, embora de modos diferentes, quando não quase iguais.
Atas bastaria um "GOLPE DE GÉNIO" para escrapar inopetuosamente, estes vícios "aimvernetos" que nos...
"Não cabiada nós, que sois o Templo de Deus"?
Like · Reply · Share ›
ALSO ON JORNAL DIABO
Ingleses têm sucesso onde o "Magalhães" fracassou
Degradação da economia pressiona António Costa
Lavadinhos e sesudos para combater a Ebol
Isolamento de Costa vai custar-nos caro
Subscribe Add Disqus to your site Privacy
DISQUS

o Diabo

O DIABO é um jornal político independente dedicado a informar e politizar, promovendo a liberdade de expressão, o liberalismo de inspiração e o debate livre desde 1976.

Contacte-se: geral@jornaldiabo.com

Muito obrigado

A equipa d'O DIABO

MAIS RECENTE

Edição de 27 de Setembro de 2016
27 Set 2016

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor
7 Dez 2014

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...
23 Out 2015

O rio cego da política portuguesa
30 Mai 2016

A caminho do socialismo puro e duro
4 Mai 2016

ARTIGOS MAIS POPULARES

Sai é um assalto — Filha de Carmo Henriques no Parlamento
4,624 views

Presidente 'Voltar-se' e Política contra o Retrato
4,746 views

Angola, ontem e hoje
4,777 views

Quando a economia portuguesa cresce 10% ao ano
5,156 views

Finlândia em crise admite deixar Euro
15,239 views

A tragédia esquecida da descolonização
15,239 views

Rio vs oluminio para a troga
15,674 views

Vote tudo? Vejo, pois!
15,674 views